

TRIBUNA DA CIDADE



Miséria e esperança

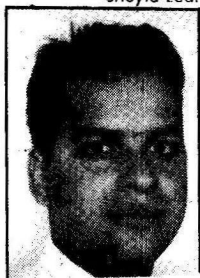
MARCONE GONÇALVES

A região de Irecê, famosa pela sua produção de feijão, entra em pauta nas discussões do Distrito Federal. E, infelizmente, o assunto em questão está longe de ser o abastecimento de grãos nas cozinhas brasilienses. Irecê vem enfrentando uma de suas mais graves crises agrícolas, com quebras seguidas na sua produção. E o impacto de tal situação sobre o DF já se nota com a chegada de centenas de famílias de migrantes todas as semanas, parte delas sem qualquer condição de subsistência, morando debaixo de pontes e invasões, e a maioria já aproveitando a mudança de parentes que vieram nos últimos anos.

E a vinda deste contingente para Brasília, é bom esclarecer, não está diretamente ligada à cessão de lotes para famílias carentes, criticada e combatida pelo atual ocupante do Palácio do Buriti, que a denomina de "farra dos lotes". Ciente deste contexto, o governador Cristovam Buarque já colocou que este é um problema de proporções nacionais da alçada do Governo Federal: Os nordestinos vêm em busca de emprego, de hospitais e de escolas, três itens que resumem o progresso e a situação de felicidade de cada família.

Os brasilienses têm medo desta procura porque com ela advém as favelas e o aumento na criminalidade. Basta notar que os nordestinos estão envolvidos na maioria das ocorrências policiais de homicídios, tentativas de assassinato, brigas e outras modalidades menores de crimes. O resultado disto é uma paranóia em que se exige mais policiais nas ruas e se gasta milhões de reais em grades e sistemas de segurança. O Cruzeiro Novo, por exemplo, virou um presídio, com a colocação de grades em quase todos os blocos residenciais.

Sheyla Leal



Em visita recente ao estado da Bahia, pode constatar o estado de miserabilidade social e a falta de perspectivas que assola aquela ter-

ra. Percebe-se que toda a região dos sertões virou terra de ninguém, onde não funciona adequadamente o aparelho de estado. Em quase todos os municípios foram inaugurados "hospitais" onde dois ou três médicos atuam sem condições adequadas de trabalho. Não faltam salas de aula para as crianças, mas o nível e os salários dos professores não chegam ao mínimo. Em algumas áreas, a agricultura dos honestos — o cultivo do feijão, milho, mamona e algodão — deu lugar ao plantio da maconha, controlado por bandidos, alguns inclusive do Rio de Janeiro.

Um mínimo de sensibilidade humana e não há quem não se assuste com famílias inteiras que ficam à beira das rodovias federais, de onde tiram seu sustento com esmolas de motoristas. Estes são os que se resignam a morar lá, vivendo de fingir que tapam os buracos da pista. Passam os veículos e as crianças simplesmente soltam um grito de miséria, muito semelhante àquelas canções árabes. No final do mês chegam a ganhar R\$ 40. É pouco ou muito? Basta lembrar que um flanelinha é capaz de ganhar isso em dois dias guardando carros nos estacionamentos de Brasília.

Face a esta situação, a crise no sertão baiano, e no Nordeste de modo geral, deve deixar de ser considerada um problema meramente daquele estado. Brasília virou a rota da salvação para um celeiro de miseráveis. Os nossos deputados federais e senadores, alguns de origem nordestina, devem estar atentos a este quadro e pressionar a União para que adote uma política de emprego e de aparelhamento em regiões como Irecê, Barreiras, no Piauí e em Tocantins, sob pena de condenar o futuro do DF. Arrisco a prever que a construção de um único hospital público decente naquela área diminuiria a imigração para cá e reduziria drasticamente o custo social que Brasília tem com os nordestinos.

■ Marcone Gonçalves é repórter do Jornal de Brasília